



PAULISTA



CANTINHO DA RECORDAÇÃO



Vemos ao alto um dos grandes times que o São Paulo contou no seu passado e que brilhou nos anos de 45 e 46. O técnico era Joreca, que aparece entre Luizinho, Sastre e Paulo Machado de Carvalho. Vemos ainda: Leonidas da Silva, Rui, Piolim, King, Bauer e Teixeira. Um time que dificilmente será esquecido pela torcida do "Mais Querido".

PAULISTÃO

São Paulo — Ano 1 — N° 11 — 1980

Publicação do São Paulo Futebol Clube

Certificado de Autorização n. 01/00/011/79
Secretaria da Receita Federal
Processo do Ministério da Fazenda
n. 0168-51.372/79

DIRETOR RESPONSÁVEL

WALTER LACERDA

COLABORADORES

Oscar Hamleto Meliante

Oswaldo Bentini

Severino Pereira Junior

Mario Andrade

Levi Silva

Mariovaldo Souza Mineiro

REDAÇÃO

Praça Roberto Gomes Pedroza 8 - Morumbi - São Paulo



Vemos ao alto uma foto histórica do futebol de São Paulo. Ela foi tirada no ano de 1927, quando da inauguração do Estádio de «São Januário» que é do Vasco da Gama) no Rio de Janeiro. A equipe que aparece ao alto é a do Santos FC. O leitor pode perceber, de maneira clara, a profunda alteração que se processou nos uniformes dos jogadores daqueles tempos para nossos dias. Os jogadores (ao alto) aparecem com um paletó, os calções são compridos e os arqueiros não largavam suas joelheiras. Até mesmo os zagueiros costumavam usar joelheiras. Nos dias de hoje tudo é muito mais simples e, em relação ao passado, o atleta entre quase «despido» para uma partida de futebol. Observem a indumentaria do juiz...

AS CARAS NOVAS DO POSSANTE TRICOLOR



Alexandre Bueno conseguiu dar outra dimensão ao meio de campo do São Paulo. Seus lançamentos em profundidade e seu jeito de entrar pelo «miolo» surpreendendo a zaga adversária agradam ao torcedor

Quando estava caminhando para o seu final o primeiro turno do Campeonato Paulista da Divisão Especial de Profissionais, o São Paulo FC, teve que partir para uma grande empreitada: reforçar o elenco de futebol, pois a campanha no retorno do certame seria bastante árdua. Isso porque na primeira fase, com a cessão dos valores para a seleção brasileira, poucas vezes o técnico Carlos Alberto pôde alinhar os melhores elementos do «Mais Querido». Serginho, Zé Sérgio, Getúlio, estavam defendendo a seleção brasileira. Dario Pereira ainda estava começando a recuperar suas melhores condições físicas. O quadro alternava bons com maus resultados e a insatisfação da torcida era das maiores.

Havia terminado a luta presidencial no clube. Pôde então o presidente Antônio Leme Nunes Galvão respirar um pouco mais sossegado, pensando na formação de um grande time. Era preciso, contudo, arregaçar as mangas e trazer, ur-gen-te-men-te, os valores para aumentar o poderio da equipe. O pri-



Almir veio para o futebol de São Paulo como quem não quer nada. Pouco a pouco, porém, conseguiu mostrar o seu futebol e hoje é peça fundamental no onze tricolor.

meiro deles foi Oscar. Todavia, num abrir e fechar de olhos, descobriu Jayme Franco a possibilidade de trazer mais dois nomes lá de fora: Almir e Alexandre Bueno. O primeiro vindo do Paraná e o segundo de Goiás, embora já tivesse militado no futebol paulista. Carlos Alberto Silva, o bom técnico do São Paulo, também começava a mexer um pouco no time, para apurar o máximo de sua potência.

Desse jeito foi nascendo e surgindo o novo onze do São Paulo. O preparador são-paulino acabou fazendo duas «mexidas» importantes no time são-paulino: o recuo de Dario Pereira para a zaga e o avanço de Heriberto para a meia esquerda. E justificou bem o que pretendia:

— Dario Pereira é um jogador de alta personalidade e boa visão de campo. Bastante fogoso e que no meio de campo, esbanjava toda a energia de que é possuidor, em curto espaço de tempo. Lá atrás, dominando bem o jogo pelo alto e sendo um valor de boa capacidade de destruição, poderia dar estabili-



Airton retornou aos seus melhores dias na defesa do São Paulo. Preciso na marcação e bom no apoio à linha de frente.

dade à extrema defesa. Pensando dessa forma resolvei recuá-lo. Quase que no mesmo instante o São Paulo acabou contratando Oscar. Assim sendo, foi preciso apenas acertar um melhor entendimento entre Oscar e Dario para ter o tricolor uma zaga sólida pelo «miolo», pois pelas laterais, diante da melhoria de Airton e do bom comportamento de Getúlio, não era preciso haver maiores preocupações. Acertando-se no meio de campo, o ataque deveria funcionar como um «relógio» em virtude da capacidade de todos os seus integrantes. Valores da própria seleção brasileira.»

— Quanto a Heriberto ele começou atuando na lateral esquerda apenas para quebrar o galho, acentuou Carlos Alberto Silva. E prosseguiu ainda dizendo: O Airton estava contundido e o Antenor havia sido operado. Tivemos que improvisar com o lateral.

— Sendo Heriberto um elemento versátil, poderia muito bem ajudar o clube numa situação difícil. Mesmo sabendo o perigo que isso representava para ele, Heriberto dispôs-se a colaborar da melhor maneira e depois que superamos aquela fase difícil foi possível fazer Heriberto jogar em sua verdadeira

posição. Ambientado ao time, correndo bem o campo e «vendendo saúde» ficou no meio de campo, onde o seu trabalho começou a aparecer da melhor maneira.

UMA SAUDAÇÃO

O meio de campo do São Paulo não vinha aguentando o ritmo. Isso era visível aos olhos de qualquer um. O tricolor dispensou Chicão, cujos serviços ainda poderiam ser aplaudidos pela torcida, mais como um prêmio ao atleta. Chicão estava precisando mudar de ambiente e o tricolor soube como facilitar sua saída. Tinha lá para ajudar o clube em todas as ocasiões o magnífico Teodoro. Todavia, os anos já começavam a pesar sobre os ombros do meio-campista são-paulino e este era o «Calcanhar de Aquiles» do tricolor. Teodoro, um grande lutador, não tinha condições de carregar sozinho o piano ali pelo meio de campo. A zaga acabava se prejudicando e o time, embora com um ataque ligeiro, tinha uma defesa que se constituía em autêntico «queixo de vidro» de um bom pugilista. Não adiantava, portanto, possuir um excelente «upper» se a retaguarda permitia o nocaute em horas impróprias.

Foi quando o São Paulo acabou indo buscar Almir. Poucos o conheciam. De onde ele é? Em que time jogava? Todas as perguntas eram feitas nesse



Heriberto começou na lateral esquerda do São Paulo apenas para «quebrar o galho». Depois, quando Airton retornou, ele voltou à sua verdadeira posição e hoje é figura importante para o esquema de jogo do «Mais Querido»



sentido. Os críticos mais acerbos não perdoavam o jovem defensor do tricolor e diziam não ter gabarito ou condições técnicas para vestir a camisa «5» do São Paulo. Pouco a pouco, no entanto, Almir foi mostrando suas virtudes. Um talento aplicado. Excelente disposição e vigor físico. Homem que dava à retaguarda uma assistência especial. Muitas vezes permitindo que Oscar e até mesmo Dario Pereira avançassem demasiadamente, já que maior preocupação era dar a devida assistência à zaga do tricolor.

Tornou-se assim um policial da melhor forma. Um cão de guarda da zaga são-paulina. De uma hora para outra, esta que não possuía nenhum anjo protetor ali na «cabeça da área» passou a ter em Almir, um jogador precioso. Sob todos os pontos de vista. Ele podia não jogar bonito para o grande público. Jamais foi um Bauer. Era, contudo, um exemplo típico, no São Paulo, daquilo que Dudu foi no Palmeiras. Um «operário» da equipe tricolor. Trabalhando sem desfalecimentos ao lado do garoto Heriberto, então guindado à posição de titular. Com um meio de campo destruidor, dando excelente cobertura a zaga, mas que sabia como conduzir a pelota para o campo adversário, o São Paulo conseguiu armar-se da melhor maneira e o «pulmão» do time voltou a funcionar normalmente.

Foi desse jeito que o São Paulo pôde se organizar e se armar ali pelo meio do campo. Todavia,

se isso não bastasse houve ainda um outro valor que veio dar o equilíbrio sonhado pela torcida: Alexandre Bueno. Um valor de destaque. Injustiçado no Botafogo, de Ribeirão Preto. Um atleta que teve outra fama (rebelde) no Sul. Um elemento que não se acostumou ao banco, no time da Portuguesa. Mas uma figura que deu muito de si no futebol goianense, onde foi apontado por todos como uma figura das mais brilhantes. Alexandre Bueno ainda meio fora de ritmo entrou no time do tricolor apenas para «mostrar serviço». E, prontamente, a própria figura do garoto Heriberto parecia ameaçada, diante da lucidez de jogo de Alexandre Bueno. Dos seus lançamentos em profundidade e de suas entradas pelo «miolo» apanhando a zaga adversária inteiramente aberta. Desprevenida.

Somando-se ao valor desses novos elementos do São Paulo, a categoria e talento dos demais jogadores que lá se encontram, foi possível ao técnico Carlos Alberto Silva, montar o time que a torcida há muito vinha pedindo. O esquadrão das «goleadas». O onze que arrancou uma marca há muito na garganta dos são-paulinos, enfiando quatro gols nos seus velhos e grandes rivais como Palmeiras e Corinthians. E o possante São Paulo aí está, com todas as suas caras novas, para gaudío de sua torcida, pensando no título de 1980. O que seria, sem dúvida, um feito dos mais brilhantes e expressivos.

OS "MENINOS DA VILA" SOUBERAM CONFIRMAR!

A maneira como a Portuguesa de Desportos iniciou o primeiro turno do Campeonato Paulista, estava a indicar que dificilmente o time, dirigido por Mário Travaglini perderia o título. Isso porque o São Paulo, com vários de seus integrantes cedidos para a Seleção Brasileira; Corinthians, dentro das mesmas condições; Palmeiras atravessando uma fase incerta não correspondiam! Viase que o correr dos jogos ia colocando à margem os times de prestígio do futebol bandeirante e a Portuguesa, na sua marcha firme e decidida, não tomava conhecimento do que estava acontecendo. Conseqüentemente, os principais clubes do interior, iam se aproveitando da oportunidade e chance dada pelos grandes, para ganhar um lugar ao sol.

Somente o Santos, embora também tenha cedido valores para a equipe brasileira e, também, para o quadro de Juniors que foi conquistar o título em Toulon, na França ia conseguindo alguns feitos expressivos. Todavia, em que pese o bom futebol do quadro praiano, via de regra os torcedores e parte da crítica, se insurgiam contra o trabalho do treinador José Macia, o popular Pepe, dizendo que sua permanência no cargo estava sempre pendente deste ou daquele resultado. Não se

viam as dificuldades encontradas por Pepe, perdendo o comandante de ataque Aloisio, ficando

sem Marola, sem João Paulo, sem Nilton Batasta e até mesmo Joãozinho, durante boa parte

do torneio. Nada era levado na devida consideração por críticos ou torcedores. Até mesmo a Portuguesa não se importava muito com a corrida do Santos.

Todavia, existem alguns fatos que às vezes acabam pesando bastante na balança da decisão. O primeiro deles foi o Bologna, da Itália, que veio comprar o atestado liberatório de Enéas. O avante rubroverde que já esteve com um pé no futebol da Espanha (no ano passado) e esteve para se transferir para os Estados Unidos, acabou indo para a Itália. Foi uma grande surpresa. E como foi que Enéas pode ter influido na decisão do título? Pura e simplesmente com a sua ausência do time da Portuguesa de Desportos. Embora o clube do Canindé não tivesse ainda recebido o dinheiro da Itália, havia o compromisso firmado, pois Enéas já estivera no Velho Mundo, passara pelos exames médicos, posara com a camisa do Bologna e só faltava vir o dinheiro para completar a transferência.

Acontece que todo o time da Portuguesa sentiu a saída do seu companheiro. Aqueles que acusavam Enéas de «dorminhoco», fraco, sem combatividade, sentiram nos jogos decisivos da Portuguesa de Desportos, no Campeonato Paulista a falta que fazia o destacado dianteiro. Nos jogos contra o Santos ela foi sentida de





maneira ampla, e foi, sem sombra de dúvida, a ausência de Enéas que acabou pesando firme na balança. Por outro lado, a maneira como o Santos «dizimou» as pretensões do Botafogo e a forma como a Portuguesa superou a Ponte Preta, evidenciaram de maneira clara a disposição dos praianos.

O título do primeiro turno do certame paulista de 1980, contudo, era um galardão que não poderia — a exemplo do que aconteceu em 73 — ser repartido pela Portuguesa e Santos. A definição, qualquer que fosse

ção, qualquer que fosse, tinha que surgir no campo de jogo. Beneficiada (em virtude de sua magnífica campanha) pelo empate, a Portuguesa preferiu mais o jogo defensivo. Isso acabou sendo fatal para o clube do Canindé. Não contou com a versatilidade do time praiano e

acabou sucumbindo. Nos dois encontros. Embora tenha sido um quadro regular — durante todo o primeiro turno — faltou «punch» à lusa, nos jogos finais, para chegar ao título máximo. E, sobrou ao Santos, méritos para chegar ao triunfo.

Não constitui nenhum exagero a afirmativa de que os «meninos da Vila», como vinham sendo chamados, cresceram de 76 para cá, desde quando tiraram o São Paulo da luta, para chegar ao título de campeão. Uma coisa, no entanto, foi aquele time, ainda imberbe, surgido nos jogos decisivos de 76, diante do tricolor do Morumbi e outra, a equipe que Pepe conseguiu mostrar contra a Portuguesa. Foi indiscutível a superioridade da representação santista sobre a do Canindé.

Em nenhum instante o Santos ficou lá atrás a espera de uma oportunidade para contragol-

pear o reduto final da Portuguesa. Sob o comando de Toninho Viera os santistas mostraram suas habilidades e poucas vezes um Nilton Batista, um Pita, um Claudinho, afóra os outros destacados valores mostraram tanta eficiência como nos jogos decisivos. Mesmo na partida final, quando tinham o empate em seu favor, os praianos não ficaram apegados ao sistema defensivo, para tentar garantir o título. O quadro entrou sempre com a firme disposição de chegar à meta adversária para liquidar o encontro quanto antes para conseguir o ambicionado galardão.

Assim, após a consagração como «meninos» que estavam «pintando» como craques, no clube praiano, conseguindo o título paulista de 1976, alguns anos depois, na decisão do centro de 1980, no primeiro turno, os praianos, conseguiram mostrar que os

garotos já são homens e podem ser olhados como possíveis integrantes da própria seleção brasileira. Não constitui mesmo, nenhum exagero a assertiva de que alguns daqueles garotos podem e devem ser lembrados pelo técnico Telê Santana para a seleção brasileira. Isso porque ao lado da juventude, há, também, a capacidade técnica mostrada pelos novos defensores do Santos. Se conseguiram isto, diante de jogadores tarimbados como Zé Mário e outros, forçoso se torna salientar que o quadro tem méritos que ninguém pode duvidar ou contestar.

O próprio técnico Pepe, meio agastado com as críticas recebidas, numa explosão íntima confessou:

Dedico a conquista deste título aos garotos que aí estão e aos meus inimigos que jamais viram condições técnicas no quadro santista.

PAULISTÃO: O "CARNÊ" QU



Toshiyuki Sueichi, morador a rua Pedro de Toledo nº 619, na cidade de Promissão - SP recebe das mãos do Sr. Jaime Franco, diretor do São Paulo F.C., as chaves do flamante Volks 1.300, prêmio do "Paulistão".

Confessamos, de maneira grande público esportivo de prestigiar os grandes eventos exemplo, é a maior testemunha. Quando foi feito o seu lançamento, e dentre eles o sr. David Berlim merecia uma atenção toda especial oportunidade, durante os lançamentos os torcedores (de todos os estados) iniciaram a iniciativa do tricolor do Morumbi. Entretanto, a expectativa foi maior e a adesão dos paulistas foi feita em poucos meses que os bandeirantes naturalmente a esta iniciativa.

O sr. David Berlim, representante do triunfo alcançado pelo Carnê recentemente, o seu entusiasmo fez:

— Na verdade o povo de São Paulo aderiu inteiramente a tudo o que foi proposto, mais uma vez, que o povo fez com decência e honestidade. O que se pode dizer é que o PAULISTÃO fez a diferença de cada um. A melhor prova disso são os tribuídos a todos os felizes com o prêmio. Acreditamos, é também o do felicitoso e seu número premiado e contido.



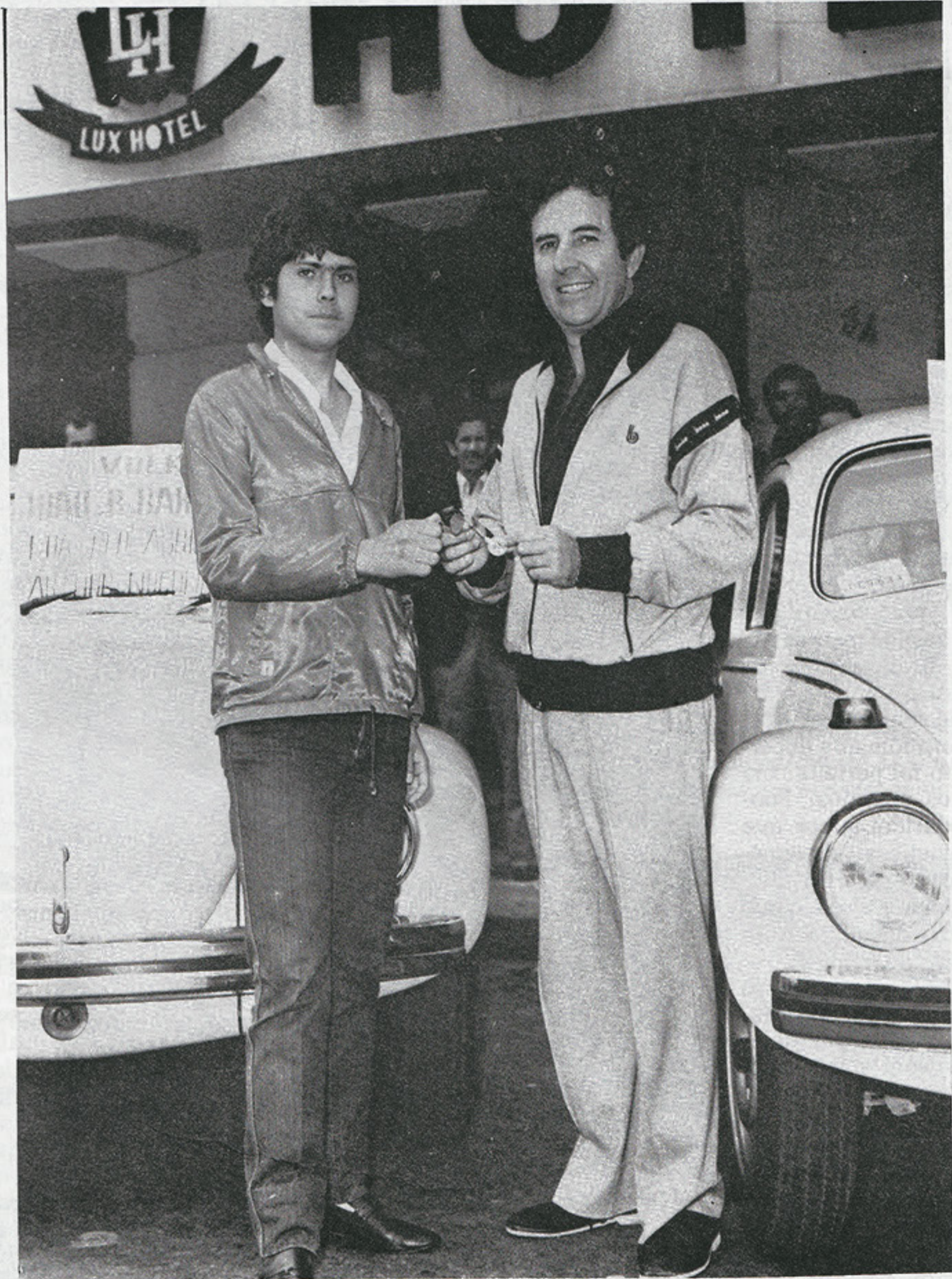
O terceiro Volks 1.300 Sr. Alberto Mosiejko, 49 V. Arrede, da cidade de São Paulo, que aparece recebendo o prêmio de Sr. Jaime Franco, filha do Sr. Jaime Franco.

...E FAZ E TRAZ FELICIDADE

a pública e sincera, que o São Paulo, sabe realmente. O «carnê» Paulistão, por sua desta nossa assertiva. Então, sabiam os seus responsáveis, que São Paulo (especial, pois em mais de uma oportunidade anteriores, pude-ramos clubes), dar o seu apoio a São Paulo. Nesta oportunidade, no entanto que confirmada, pois a massa. Não houve um só que correspondessem inteira-

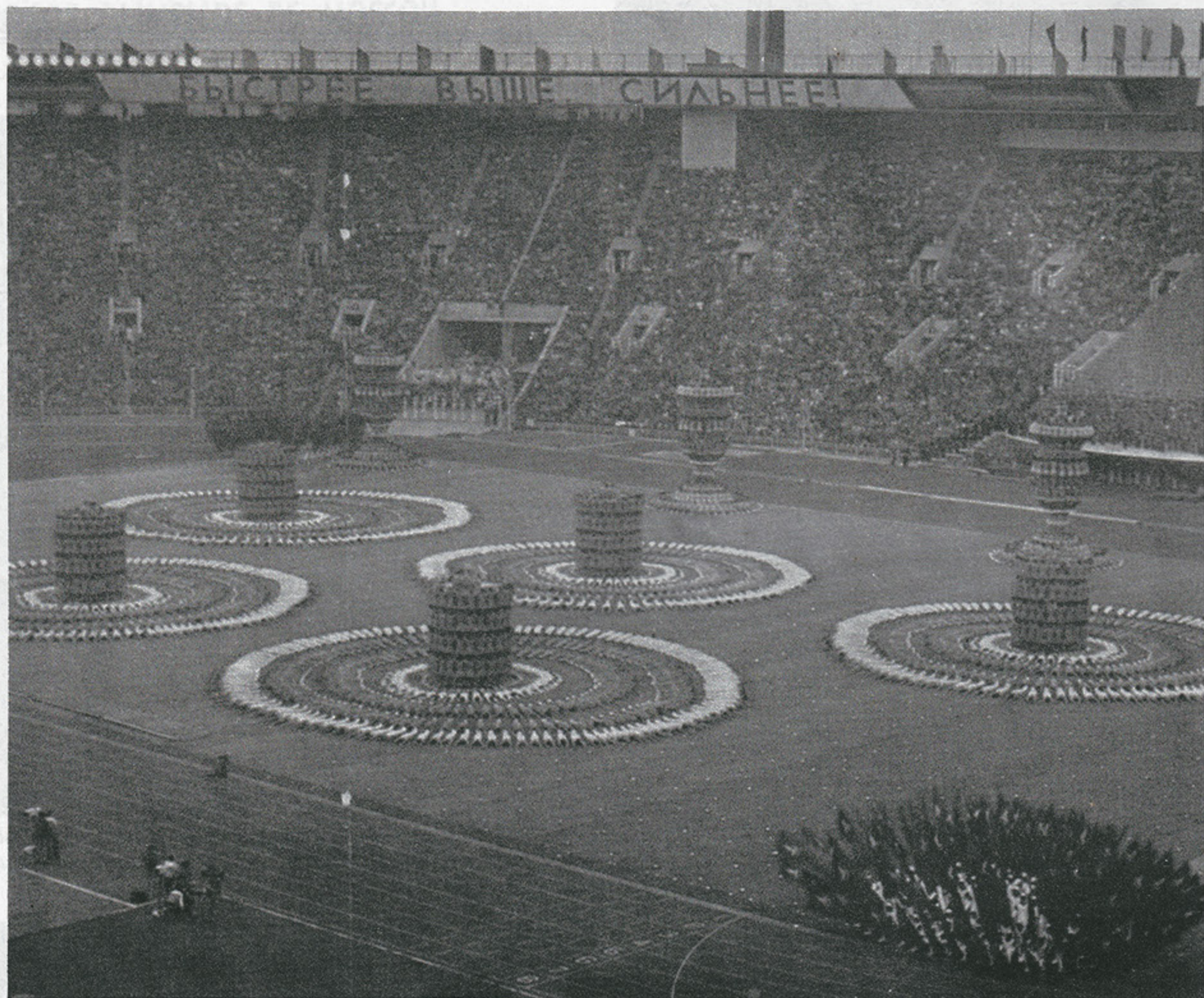
responsável por este grande São Paulo, mostrava, ainda não a respeito e chegou a con-

São Paulo soube correspon-der dele sempre se falou. Pro-aulista confia em quem age. De nossa parte o que posso fazer e trás a felicidade ao lar está nos prêmios que são dis-tribuídos. E o nosso jubilo, faz possuidor do carnê que vê contemplado.



desta edição coube ao Sr. Saturnino Almeida, de São Paulo, que recebeu as chaves da Srta. Ferdinanda Jaime Franco.

João Batista Barreto, residente a rua 10 de Abril, 115, cidade de Arthur Nogueira-SP, também recebe do diretor do São Paulo F.C. Jaime Franco, as chaves de mais Volks 1.300, da promoção "Paulistão".



Temos a impressão que a foto dispensa qualquer legenda. Foi o grande final das Olimpíadas de Moscou

triplo onde se esperava mais por parte de «João do Pulo». Todos estavam crentes que o destacado saltador brasileiro viria com a medalha de ouro lá de Moscou. Ninguém iria supor ou acreditar que o vento acabasse influenciando no seu salto (teve quatro deles queimados) e que os árbitros fossem «rigorosos» ao extremo para o saltador brasileiro.

Só, na verdade, os que lá se encontravam, podiam sentir de perto a tristeza que se abateu sobre o nosso João quando, à medida que os seus saltos iam sendo queimados, mais pequena ia ficando a sua esperança de chegar a uma medalha. O que seria, triste e lamentável, se nem a de bronze tivesse alcançado. De que valeu toda a preparação, todo o es-

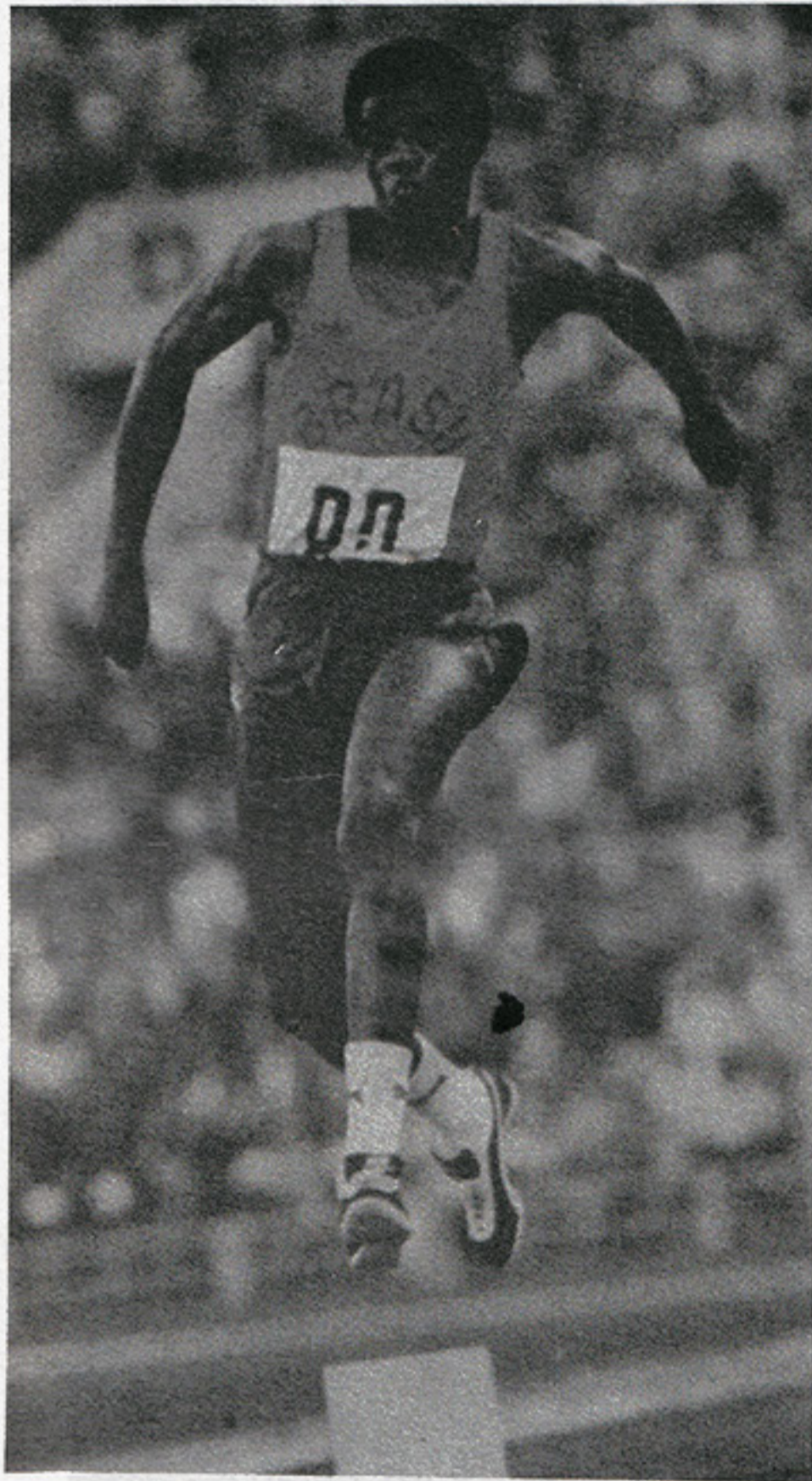
forço do saltador brasileiro se no momento exato acabou sendo traído pelos nervos e pela sua excessiva confiança?

Surpreendeu, sem dúvida, o basquete brasileiro que depois de alijado da competição eliminatória, acabou recebendo «passagem de graça» para Moscou. Fomos, na verdade, sem muitas esperanças. Mais como «franco atirado-

res». Todavia, essa «vantagem» dos nossos acabou tirando um peso que seria sentido à medida que os jogos iam sendo superados. Diante dos mais perigosos oponentes o «vive» brasileiro conseguia a vitória, para perder pontos preciosos contra adversários nos quais, tecnicamente, o conjunto dirigido por Claudio Mortari se apresentava niti-

damente superior.

Houve, portanto, uma explicação plausível para esse comportamento dos brasileiros: «amarelão». Isso porque quando o quadro precisava vencer ele sentia o «fantasma do amarelão» rondando todos os seus homens, fazendo com que o trabalho fosse fraco e o desempenho irregular. Todavia, quando iam para a quadra sem nada a perder o quadro se modificava inteiramente e chegava a resultados surpreendentes, como aquele espetacular triunfo sobre a Itália.



João do Pulo que era esperança de medalha de ouro para o Brasil, nos Jogos Olímpicos de Moscou, fracassou aos olhos de todos. Teve contra si, no entanto, fatores muito importantes. Inclusive dos árbitros da competição



Um flagrante diferente apanhado durante o encontro Itália-Bulgária



Mischa, o grande mascote dos Jogos Olímpicos. Até no seu choro de despedida comoveu o mundo



Basquete: o Brasil fez bonito contra os fortes e perdeu as partidas fáceis

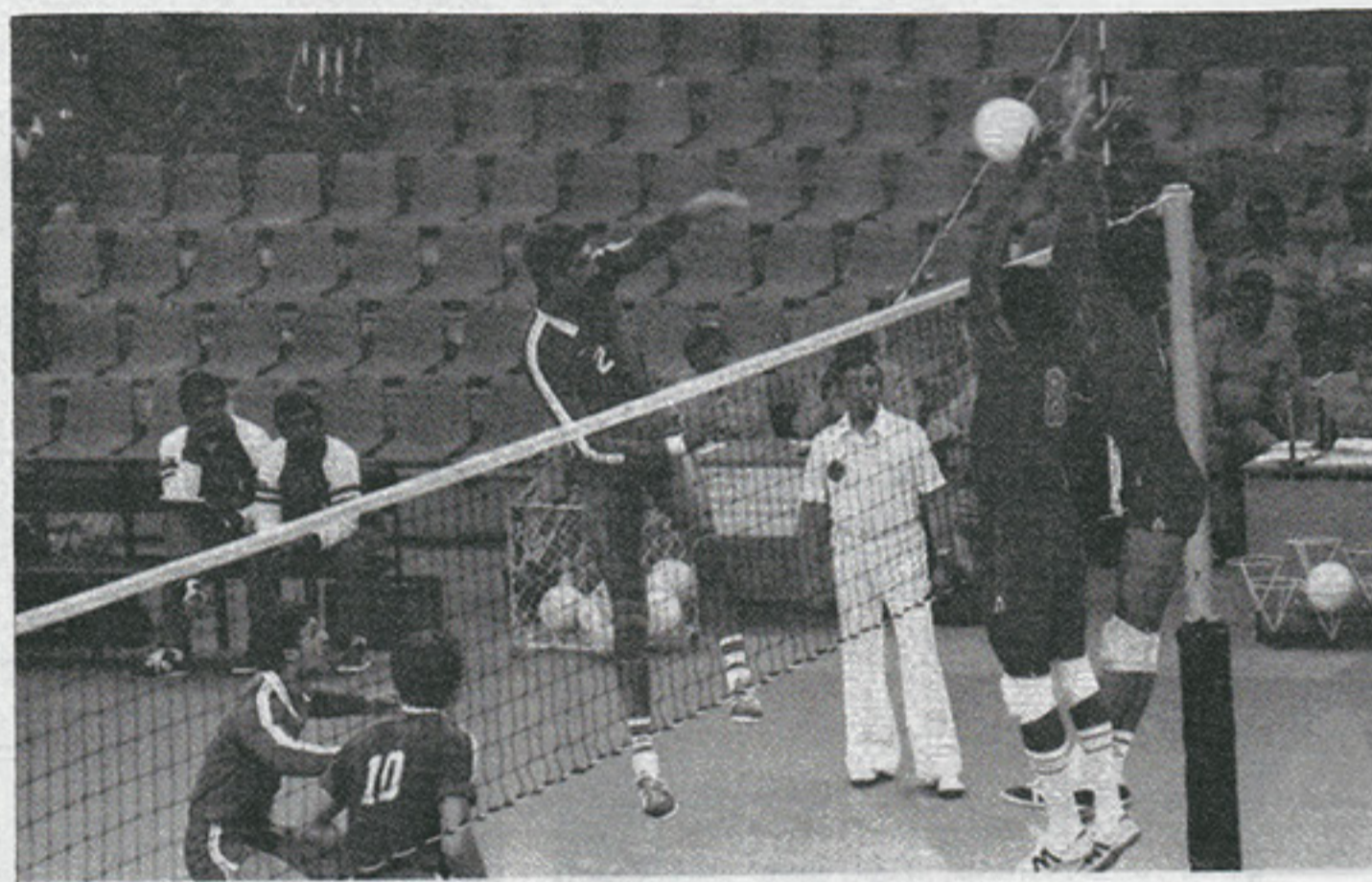


Em plena praça Vermelha um casamento de soviéticos

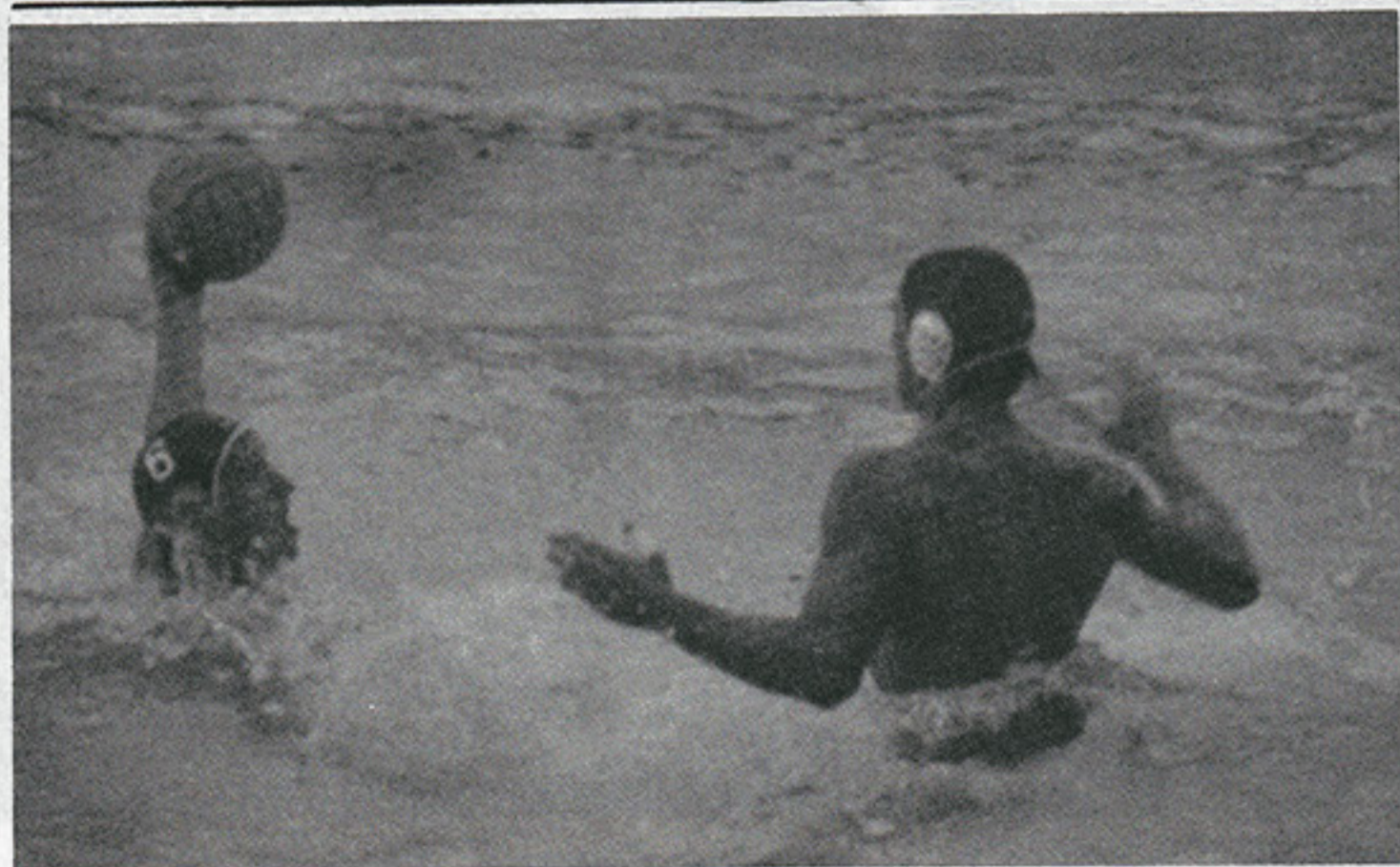
lia ou a dramática partida contra a Iugoslávia, onde de forma clara sofremos um tremendo «roubo» por parte da arbitragem. Provamos que temos bons encestadores, mas que nos falta, ainda, o necessário amadurecimento. No instante em que corrigirmos tal coisa, como já ocorreu no futebol, poderemos alimentar esperanças de repetirmos o feito já alcançado em torneios mundiais.

As moças do basquete decepcionaram inteiramente, como ocorreu também no volei, no pugilismo, na natação, de nada valendo os esforços de Djan Madruga. Os seus companheiros falharam. O que ocorreu, igualmente no atletismo, no judô (que era uma grande esperança) para surgir, de maneira agradável duas grandes conquistas no iatismo. Uma vitória na classe «Tornado» e outra na 470. E o Brasil que ficou 24 anos a espera de uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos, desta feita permaneceu apenas 24 horas para receber uma segunda medalha de ouro, dentro dos próprios jogos. Com dois iatistas que não levavam muita esperança por parte do próprio técnico da equipe brasileira...

Enfim, na classificação geral, dentre os países participantes o Brasil acabou se classificando em décimo sétimo, com duas medalhas de



Voleibol: o Brasil não chegou a «pintar» para a medalha. No alto um lance de Itália-União Soviética



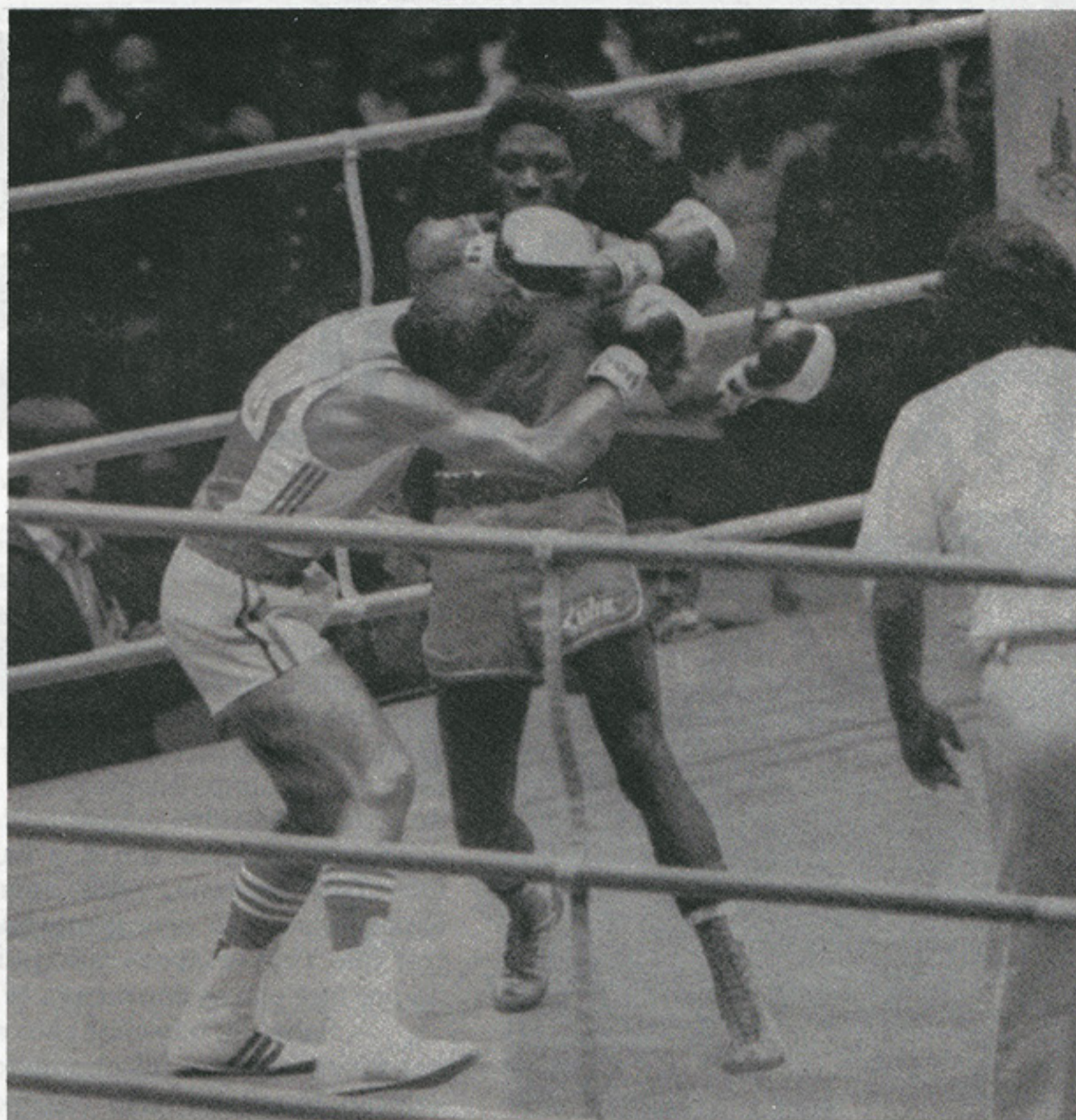
No polo aquático a técnica mostrada na competição foi excelente

ouro e outras tantas de bronze. A vitória total acabou pertencendo à União Soviética com 195 medalhas, sendo oitenta delas de ouro; 69 de prata e 46 de bronze, sendo que a Alemanha Ocidental, classificada em segundo lugar, conquistou 125 medalhas, com 47 de ouro, 37 de prata e 41 de bronze. Foi a sexta olimpíada ganha pela União Soviética, desde a sua estréia em 1952.

Não vamos aqui, discutir se teria alcançado êxito em sua campanha se os Estados Unidos e outros países tivessem participado da competição. Poderia haver algo diferente na natação e no atletismo. Mas, convém ressaltar que os tempos obtidos foram realmente extraordinários. Seria preciso que houvesse a competição direta para se aferir os bons resultados. Nunca por hipóteses ou suposições.

Resta para o Brasil a certeza de que muita coisa, até 1984 precisa ser feita em relação aos atletas, dirigentes e até mesmo à própria crítica esportiva brasileira que deve ser um fiscal mais severo em torno das atividades amadorísticas do País. E a palavra cabe ao Governo e seus vários órgãos, para se «fabricar» competidores e não modestos valores que tremem diante dos seus mais famosos opositores.

Uma visão panorâmica do Estádio Lenin



No pugilismo o Brasil falhou em tudo. No flagrante a luta Herrera-Russolillo



WALDIR PERES: "SENHOR" TRANQUILIDADE



Durante um bom tempo dos últimos anos, o arqueiro Waldir Peres, do São Paulo, foi apontado — invariavelmente — como a maior expressão do tricolor do Morumbi. Isso porque era o principal responsável pelos bons resultados que a equipe vinha conseguindo. Motivo? O quadro não vinha caminhando bem e os difíceis resultados eram alcançados em virtude de exhibições portentosas do guarda-linha são-paulino. Exatamente por esse motivo, a torcida do «Mais Querido» estava certa de que o destacado jogador, seria também um dos valores convocados pelo técnico Telê Santana, para defender a seleção brasileira. Quando isto não aconteceu muita gente começou a mostrar que Telê estava errado pois se até Raul fora convocado por que não se convocava Waldir Peres?

— Sabe, eu não esquento a cabeça com isto. Acho que nas vezes em que fui chamado para defender a meta da seleção brasileira, não decepcionei. Fui uma vez como titular da equipe nacional que era representada por Minas Gerais e dei tudo o que pude. Posteriormente, com Leão e Carlos à minha frente, quase não tive chance. Acho, contudo, que o Brasil está muito bem servido por arqueiros.

Aspira ainda a seleção?

— Todo jogador sabe que a grande meta de um profissional é a seleção brasileira. Acho, principalmente se tratando de arqueiro, que a idade é sempre uma boa recomendação. Lembram Félix quando foi para a Copa do Mundo em 1970? Ele não era nenhum garoto. E todos sabem como é que teve de defender algumas bolas perigosas. Muita gente achava que ele não iria corresponder. No entanto, jogou bem e fê-lo de maneira brilhante. Por isso, embora o tempo passe, acho que os novos precisam ter uma «oportunidade» pois os «velhos» já mostraram do que serão capazes no instante em que forem convocados.

E o São Paulo?

— Pouco a pouco conseguiu o técnico Carlos Alberto montar uma boa equipe. Um quadro que se identifica dentro do campo. Não se trata apenas de conseguir grandes valores. Sem a necessária harmonia e entendimento nada pode ser alcançado. A vinda de Oscar, a boa forma de Serginho, de Renato, de Zé Sérgio, de Dário Pereira; o bom retorno de Dario Pereira, a indiscutível capacidade de Getúlio, são fatores que pesam sobremaneira na balança.

Concluindo salientou Waldir Peres:

— Exatamente por esse motivo, pelos valores destacados que o São Paulo alinha em suas fileiras, não tenho tido muito trabalho. A moçada está confiante e bem disposta lá na frente e a torcida empolgada pela campanha. Isso é bom para todos.

DIVERSÃO

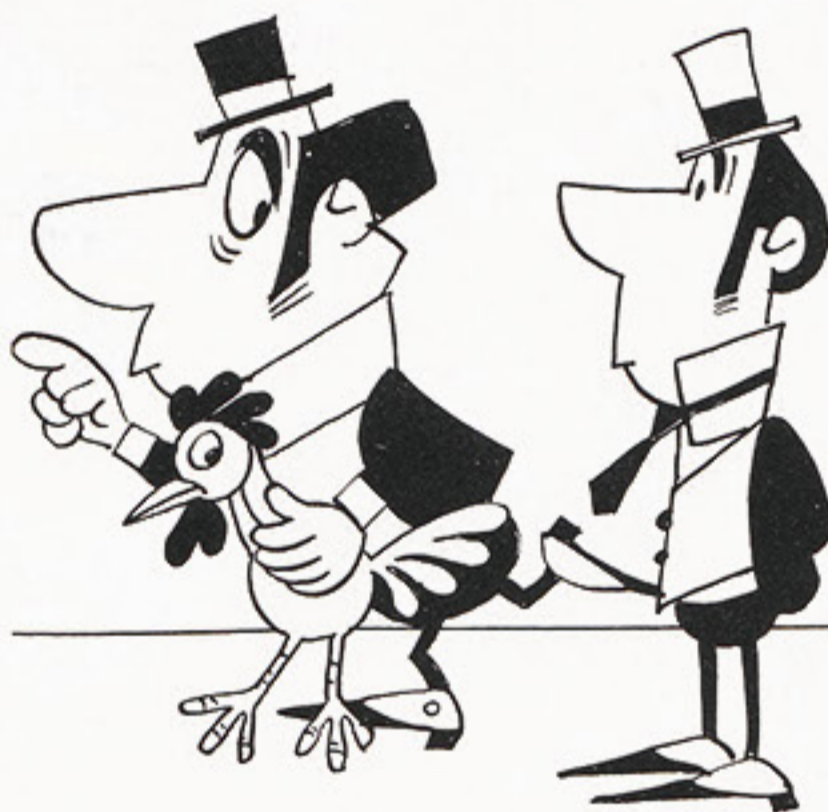
UMA PÁGINA DE DON OSCAR

CURIOSIDADES

A MAIOR PARREIRA DO MUNDO encontra-se na Inglaterra. Tem 2 metros de circunferência, na base do tronco. A curiosa planta floresce no jardim do Palácio de Hampton Court. e teria, dizem, quase 2 séculos de existência.



— Já vão 15 vezes que me pedem para me casar.
 — Que bom, quem é ele?
 — Meu pai.



— Onde vai você com esse galo?
 — Ao relojoeiro; esta manhã ele cantou uma hora antes que de costume.



A dona da pensão — Quando passar hoje o desfile, não quer vir para a janela da cozinha? De lá vê-se esplêndidamente.

O hospede — Daqui da janela do meu quarto ainda se vê melhor.

A dona da pensão — Sim... talvez... mas é que eu aluguei a sua janela.

INVENTOS E DESCOBERTAS

Fotografia em cores, G. Lippmann (Fra.) 1891;
 Mannes-Godowsky (E.U.A) 1935.
 Leite condensado, Gail Borden (E.U.A) 1853.
 Locomotiva a vapor, Richard Trevithick (Ing.) 1803.
 Tanque de guerra, Ernest D. Swinton (Ingl.) 1914.

○ JOGO DAS SETE DIFERENÇAS





DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM

MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO

JOÃO FARAH

2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ